

---

# Era uma vez... formando contadores de histórias

*Once upon a time... creating storytellers*

*Maria do Carmo Monteiro Kobayashi*

## RESUMO

Contar histórias é uma arte milenar. Desde muito, o homem conta sua história para postergar suas experiências e passar conhecimentos aos membros do seu grupo. Este trabalho é fruto do projeto para formar contadores de história, desenvolvido junto às cidades de menor IDH (Índice de desenvolvimento humano) de nosso estado, realizado pela Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, em 2004. O trabalho teve início após o aceite do nosso projeto pela Coordenadoria de Bibliotecas do Estado de São Paulo. Trabalhamos em cinco cidades do interior, nas quais tínhamos como objetivo apresentar os conhecimentos mínimos para professores, membros da comunidade e interessados em contar histórias em escolas, creches, hospitais, asilos e demais locais, perpetuando assim a cultura do nosso povo e aproximando gerações. No decorrer dos trabalhos desenvolvidos, investigamos junto ao público participante quem lhes contava, o que contava e sua preferência atual de leitura. Para tanto, utilizamos no levantamento dos dados, um questionário, que além dos dados citados, nos fornecessem o perfil dos entrevistados, tais como: idade, profissão, experiência profissional e informações esclarecedoras sobre os objetivos citados anteriormente. Participaram da pesquisa 178 pessoas. O número mais expressivo era de professores de ensino fundamental, alunos de magistérios e de licenciatura e membros da comunidade local respectivamente. Os conteúdos trabalhados foram os conhecimentos necessários à formação do contador de história: retrospectiva histórica das histórias (da pré-história aos dias atuais), os criadores das histórias infantis, a arte de contar uma história e as

*Recebido em 21/12/2007*

habilidades necessárias ao seu contador, as características dos ouvintes das histórias (teoria psicogenética), os recursos materiais para o contador de história. Após analisarmos os dados coletados, podemos afirmar que: todos os participantes gostavam, na infância, e ainda gostam de ouvir histórias infantis. Quase a totalidade dos participantes ouviram histórias contadas pelos pais e avós e as histórias infantis foram contadas na escola para os participantes mais jovens do grupo. Na escola, a técnica mais freqüente de contar histórias era a leitura. Não tivemos nenhuma ocorrência de dramatização ou encenação das histórias. As preferências quanto às formas das histórias contadas são: os contos de fadas, as fábulas e as lendas, que apareceram nessa ordem de freqüência nas respostas. A partir da análise dos dados, constatamos que as histórias infantis são do agrado de todos, são um recurso ímpar, pelo qual as gerações tornam-se próximas; as diferenças etárias, contrariamente aos conflitos de gerações, tão freqüentes na sociedade contemporânea, transformam-se em sabedoria, que as crianças e jovens têm para serem transportados ao mundo da fantasia.

**PALAVRAS-CHAVE:** contar história; desenvolvimento infantil; literatura infantil

## ABSTRACT

*Telling stories is a millennial art. For many years, men have been telling their story to postpone their experiences and to pass knowledge to the members of their group. This work is the result of the project to develop attributes as storytellers, developed together with the cities of low HDI (Human Development Index) of our state, carried through by the Secretariat of the Culture of the State of São Paulo, in 2004. The work started after the acceptance of our project by the Library Council of the State of São Paulo. We worked in five towns, in which we had as objective to present minimum knowledge for teachers, members of the community and interested people in telling stories in schools, day-care centers, hospitals, elderly centers and other places, thus perpetuating the culture of our people and approaching generations. Throughout the development of the work, we were able to identify with the participant public who told them the stories, what was told to them as well as their reading preferences. For that, we used a questionnaire in the survey, that beyond the mentioned data, could supply us with the interviewers' profile, such as: age, profession, professional experience and clear*

KOBAYSHI, Maria do Carmo Monteiro. Era uma vez...formando contadores de história. *Mimesis*, Bauru, v. 27, n. 2, p. 125-135, 2006.

KOBAYSHI, Maria  
do Carmo Monteiro.  
Era uma  
vez...formando  
contadores de  
história.  
*Mimesis*,  
Bauru,  
v. 27, n. 2,  
p. 125-135,  
2006.

*information about the aims previously mentioned. There were 178 participants in the research, mostly teachers of basic education, students of education and members of the local community respectively. The contents worked were necessary knowledge to the development of storytellers: historical retrospect of stories (from pre-history to current days), the creators of children stories, the art of telling a story and the necessary abilities to the teller, the characteristics of the listeners (psychogenetics theory), material resources for the story tellers. After analyzing the collected data, we can imply that: all participants liked, in childhood, and still like to hear children stories. Most participants had heard stories told by their parents and grandparents and children stories have been told at school for the younger participants of the group. At school, the most frequent technique of telling stories was reading, there was no dramatization or story presentation. The preferences followed an order: fairy tales, fables and legends. From the analysis of the data, we evidenced that children stories are everyone's pleasure, they are a unique resource, which make generations become close; the age differences, oppositely to the conflicts of generations, so frequent in the contemporary society, are changed into wisdom, that children and young people carry to a world of fantasy.*

KEY WORDS: Storyteller; Child Development; Children Literature

## INTRODUÇÃO

Muitas vezes, ouvimos falar e falamos em nossas conversas rotineiras, sobre as dificuldades enfrentadas no relacionamento entre as gerações. Os conceitos mudaram, os costumes já não são mais os mesmos, tudo está mesmo de pernas para o ar...

Nossos avós, pais e nós mesmos sentimos as transformações sofridas no convívio com nossos filhos, sobrinhos, netos e mais ainda aqueles que têm a felicidade de ver seus bisnetos, mas devemos ressaltar que algo continua como há muito: o gosto infantil por ouvir histórias. A criança se desprende da realidade e assume o papel de chapeuzinho, Rapunzel, Porquinho, Patinho Feio e tantos outros personagens.

Ao contarmos uma história, estamos buscando no imaginário da nossa cultura repertório para tanto, ou em outras vezes, estamos conhecendo a cultura de outros povos, pois essas narrativas estão baseadas no discurso que se encontra no imaginário de um povo.

Elas podem ser fábulas, contos, lendas que são organizados de acordo com o repertório de mitos que a sociedade produz. Quando são lidas ou contadas por um adulto para uma criança, abre-se uma oportunidade para a construção de sua identidade social e cultural.

As crianças gostam muito de ouvir histórias, mesmo porque essa é uma parte da importante da infância. Ao brincar ou ao fantasiar, a criança tenta entender o mundo do adulto cheio de regras, que podem, por vezes, serem mudadas, e ela tem dificuldade em entender as regras criadas pelos adultos as quais tem que se submeter. Assim, a história infantil pode ser comparada ao jogo simbólico

“[...] o jogo simbólico pode servir ainda para liquidar os conflitos, mas também para a compensação de necessidades não satisfeitas, para a inversão de papéis (obediência e autoridade), para a liberação e extensão do eu etc.” (PIAGET, INHELDER, 1994, p. 54)

Nas histórias da carochinha (contos tradicionais para crianças), tenta-se passar para a criança um pouco das mazelas do mundo adulto, de forma abrandada, o Chapeuzinho Vermelho e o lobo, João e Maria e a bruxa, Jeca Tatu e as suas dificuldades, a tartaruga e a lebre... Nas fábulas, que são narrativas curtas sobre bichos, para transmitir conceitos morais, como no caso da formiga e da cigarra, mas as fábulas exprimem uma versão maniqueísta de olhar uma situação, passando uma versão única e de um tempo, que pode não ser mais o nosso.

Para Cashdan (2000), os contos de fadas auxiliam as crianças a lidar com seus conflitos psicológicos, ao projetarem nos personagens das histórias seus próprios conflitos, assim, figuras do porquinho preguiçoso, do “João Ratão que cai na panela de feijão” por sua gula, do Pinóquio com sua preguiça e a luxúria na Pequena Sereia apresentam situações nas quais as crianças podem lidar com os “pecados capitais”.

Hoje, com a correria dos pais, o contato com a família está reduzido por força das suas atividades profissionais e, portanto de estarem mais livres para atividades de lazer e porquê não de contar histórias, assim contar histórias deixou de ser um momento entre pais e filhos ficando restritas às atividades escolares e às vezes em espaços públicos em livrarias, shopping center ou esporádicas feiras de livros. Os pais não têm mais tempo ou interesse em contar histórias, é mais fácil comprar um brinquedo eletrônico que intertem a criança deixando os pais e avôs mais sossegados.

Pude acompanhar a infância dos meus filhos, pois esse foi um tempo que elegi para estar com eles e, mesmo sem saber, pois ainda

KOBAYSHI, Maria do Carmo Monteiro. Era uma vez...formando contadores de história. *Mimesis*, Bauru, v. 27, n. 2, p. 125-135, 2006.

KOBAYSHI, Maria  
do Carmo Monteiro.

Era uma  
vez...formando  
contadores de  
história.

*Mimesis*,

Bauru,  
v. 27, n. 2,  
p. 125-135,  
2006.

não havia estudado o desenvolvimento infantil, contava histórias ao pô-los a dormir, pois essa era uma forma de levá-los sem reclamações e para deixá-los um pouco mais tranquilos. Esses momentos eram apropriados para falar dos mitos, do folclore, dos contos de fadas e do dia que havia findado.

Somente pude perceber a riqueza desses momentos, quando um dia, ao assistirem um episódio de um seriado infantil vieram me chamar para que visse “Pandora” o que, anos mais tarde, pude constatar que muitos dos meus alunos da universidade não conheciam.

Deixando de lado as narrativas e as fábulas, as histórias de vida da formação de nossas famílias devem, também fazer parte da vida dos nossos filhos, o que eles conhecem dos seus antepassados? Como foi a vida daqueles que construíram sua história?

Muitas vezes ouvimos que os brasileiros se esquecem facilmente dos fatos, devo afirmar que somos um jovem país, que está construindo sua história e sua cultura, mas que aceita todos os filhos de outras terras de braços abertos, por outro lado àqueles que vieram de terras distantes, como os ancestrais dos meus filhos, muito tem a ensinar para nós que somos filhos deste jovem país, para que possamos conhecer e valorizar suas tradições.

Assim contar histórias é uma forma de conhecer outras culturas, de saber as suas raízes, de reviver um pouco do passado, de entender e prever o futuro, e quem sabe, essa não seja uma maneira de minimizarmos as dificuldades, os conflitos das gerações, pois desta feita nossas crianças aprendam um pouco e o porquê de seus pais e avôs acharem que tudo está tão diferente. Falamos que tudo está de pernas para o ar..., mas nos esquecemos, muitas vezes de contar como era antes e como tudo se foi transformando...

### **Para que contar histórias?**

Se contar história é algo espontâneo e que as pessoas precisam somente ter algo de interessante a contar ou a ler porquê são necessários estudos e oficinas para se aprender contar histórias? A razão para isso é que contar história também pode ser uma arte que possui seus segredos e técnicas, quando conhecemos (narrador), o que contar (história escolhida), como contar (técnicas e os recursos) e, principalmente, quais as características de quem vai ouvir (ouvinte), estaremos mais seguros e poderemos usar essas ações de maneira mais adequada para o crescimento dos ouvintes.

Sendo uma arte que lida com matéria prima especialíssima, a palavra, prerrogativa das criaturas humanas, depende, naturalmente de certa tendência inata, mas pode ser desenvolvida e cultivada, desde que se goste de crianças e se conheça a importância da história para elas (COELHO, 2002, p. 9).

A escolha da história a ser contada é a chave mágica e será decisiva para o agrado dos ouvintes. Por isso, devemos considerar suas características, pois há publicações direcionadas sobre assuntos diversos e, como a história é algo que mexe com o imaginário infantil, chegado o momento de contar a história nossa preocupação principal estará voltada ao que lhe interessa, ao que ela possa entender, ao tempo que ela consegue estar atenta ao narrador, ao seu repertório lingüístico e outras características que o contador vai poder levantar em ação.

Segundo Aguiar (2001) para que possamos conhecer o leitor que temos à nossa frente podemos propor a eles um desenho a partir do tema: Eu sou assim..., nos desenhos podemos conhecer as características dos nossos alunos, pois teremos um quadro revelador em que os nossos alunos mostram como percebem o mundo e como nele se inserem.

Para Coelho (2002), o enredo da história infantil tem três momentos cruciais: a introdução, clímax e o desfecho. A introdução é parte fundamental para a compreensão da história, pois é o momento em que se apresentam as características dos personagens e se estabelece um primeiro contato entre o narrador, a história e os ouvintes, quando e onde ocorre o fato narrado.

A apresentação da história – introdução que possibilitou aos ouvintes entende-la se sucede o clímax, ou seja o ponto crucial, fruto do encaminhamento anterior das mazelas da vida dos personagens, e que poderá ter vários momentos culminantes como no caso dos três porquinhos e as investidas do lobo, despertando o ouvinte para os embates entre os perigos vividos e as estratégias do lobo.

Após os perigos vividos e superados pelos personagens, os ouvintes esperam pelo desfecho da história na qual se restabelece a vida dos personagens que podem ser, diferentes de nós, felizes para sempre...

No que se refere aos recursos que podemos utilizar para contar histórias eles são muitos dos dotes do narrador, os livros com figuras maravilhosas, os fantoches, dedoches, os cd's, dvd's e tantos outros que vão depender da imaginação de quem conta.

Ao narrador é importante: conhecer bem a história; planeja-la antes de contá-la; evitar ênfase em detalhes simples; contar com naturalidade; mostrar entusiasmo ao contá-la; evitar o uso de muitos

KOBAYSHI, Maria do Carmo Monteiro. Era uma vez...formando contadores de história. *Mimesis*, Bauru, v. 27, n. 2, p. 125-135, 2006.

KOBAYSHI, Maria  
do Carmo Monteiro.

Era uma  
vez...formando  
contadores de  
história.

*Mimesis*,

Bauru,  
v. 27, n. 2,  
p. 125-135,  
2006.

“e” “ou” “então”; encarar seus ouvintes olhando-os e procurando sua receptividade; não interromper as outras que podem aumentar essas sugestões virão das experiências no decorrer das “contações” das histórias.

Não podemos esquecer que aos detalhes anteriores somam-se o local e a situação mais adequada a contar uma história, ponto a ser sublinhado é o preparo a ser feito quando as crianças são muito novas – sanar a curiosidade das crianças, se vou falar dos três porquinhos, como são esses animais, são conhecidos, quem já os viu, o que sabem..., esse cuidado evita que a toda hora sejamos interrompidos pelas crianças que contam que viram no sítio do tio... Faria (2004, p.35) aponta que para o:

[...] um bom criador (ou contador) de histórias sabe estabelecer com competências os cortes da narrativa, ou seja, deixar bem claro, no desenrolar da história, o início o fim das seqüências e suas cenas. Esses cortes têm função importante para compreensão dos fatos narrados.

Contar história pode ser muito mais envolvente ao se colocar uma toalha no chão sob uma árvore, ou um fundo musical, ou ainda usar o perfume que anuncia a chegada de uma linda menina, coisas que aguçam os sentidos e mexem com as emoções de adultos e crianças.

A escolha da história, os recursos necessários, as técnicas empregadas não teriam razão senão em função de quem vai ouvir as histórias. Conhecer as suas características é condição para o sucesso do “contar histórias”, para tanto, devemos recorrer à psicologia e aos trabalhos de Piaget, que mostram as fases desenvolvimento infantil e as características da criança em cada fase.

Além de contar história como uma forma de conhecer o passado, aproximar gerações e recreação, é contando histórias que podemos enriquecer as experiências infantis, propiciando situações nas quais as crianças falem sobre seus desejos, medos e fantasias e principalmente desenvolver diversas formas de linguagem, ampliando o vocabulário, desenvolvendo a confiança na força do bem, proporcionando a ela viver o imaginário.

### **O Projeto para formar contadores de história**

A partir de convite para participar das ações desenvolvidas pela Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, com a coordenação geral da Divisão de Bibliotecas (Secretaria de Estado da Cultura) e a Coordenação local da Biblioteca Pública Municipal elaboramos uma oficina de seis (6) horas para o

projeto – Formando um Estado de leitores, no qual tínhamos como objetivo principal os conhecimentos necessários à formação do contador de história.

Contar história, a primeira vista, pode parecer uma atividade na qual o contador precisa somente saber o teor do que se vai contar, mas como expusemos anteriormente essa simplificação é errônea. Com essa preocupação realizamos um estudo aprofundado sobre o que seria necessário levar a um grupo formado de professores e pessoas da comunidade em geral que quisessem “aprender” a contar história.

Para tanto levantamos os seguintes objetivos para uma oficina de seis (6) horas:

- Identificar os tipos de história: contos de fadas, fábulas, gibis, livros infantis, etc;
- Identificar as características necessárias ao contador de história;
- Selecionar adequadamente os recursos para os diferentes tipos de história;
- Descrever técnicas de expressão corporal e vocal, relação com o espaço, expressão do olhar, vocabulário etc.;
- Conhecer as características cognitivas e afetivas dos ouvintes segundo as teorias piagetiana e psicanalítica dos ouvintes;

O público-alvo era a comunidade em geral (do município participante), de preferência adultos que tivessem interesse em adquirir conhecimentos e as técnicas anteriormente mencionadas, o que os tornaria aptos a desenvolver atividades como: “Hora do conto”, “Leitura dramatizada” junto às escolas, creches, hospitais e outros, facilitando aos educadores a transmissão de suas aulas.

Desta forma, elaboramos um projeto que foi enviado à Coordenadoria de Bibliotecas do Estado de São Paulo. Vários projetos foram selecionados, incluindo o nosso. Foram-nos designadas cinco cidades de população que variava de dois mil a quatro mil habitantes. As mobilizações nos locais onde ocorreram as oficinas de seis horas em dois períodos foram grandes e a ajuda dos prefeitos e seus subordinados em dispor de locais, realizar a divulgação para os moradores locais foi um fato importante e decisivo para que as atividades transcorressem.

O contato com os participantes da oficina era uma oportunidade sem precedentes para investigar junto ao público se gostavam de história na infância, quem lhes contavam, quais

KOBAYSHI, Maria do Carmo Monteiro. Era uma vez...formando contadores de história. *Mimesis*, Bauru, v. 27, n. 2, p. 125-135, 2006.

KOBAYSHI, Maria  
do Carmo Monteiro.  
Era uma  
vez...formando  
contadores de  
história.  
*Mimesis*,  
Bauru,  
v. 27, n. 2,  
p. 125-135,  
2006.

eram as histórias. A fim de levantar esses dados, inseríamos juntamente com o projeto que era enviado às prefeituras um questionário em que coletávamos dados referentes aos participantes e questões relativas aos objetivos da pesquisa.

Nossas pesquisas sobre essa temática continuam com outros grupos, mas podemos apresentar alguns dados referentes às cinco cidades visitadas: todos os participantes foram solícitos quanto ao questionário, o que nos permitiu conhecer alguns dados muito importantes para nossas pesquisas e trabalhos futuros.

Nas cinco localidades em que trabalhamos, contamos com um público de 178 pessoas. Em duas localidades, o público era exclusivamente de professores de Educação Infantil e de séries iniciais do Ensino Fundamental (cidade A, 33 e cidade B, 28 pessoas). Em uma terceira (cidade C, 28 pessoas), o público era predominantemente alunos de magistério (23) e habitantes locais (5), nas demais cidades, eram pessoas da comunidade (cidade D, 42 e E, 48 pessoas).

Os participantes da oficina foram unânimes quanto ao gosto pelas histórias infantis e os contos de fadas têm a preferência do público pesquisado. Fato a ser ressaltado é que as idades variaram entre 14 a 54 anos, sendo que essas idades eram os pontos extremos do público. Nas cidades A e B, a predominância etária era na faixa de 24 a 38 anos; na cidade C, o público estava concentrado entre 18 e 35 anos e, nas cidades D e E, os participantes eram moradores locais de várias profissões e jovens estudantes de ensino fundamental de uma faixa ampla, que compreendia idades entre 14 e 54 anos.

Quanto a se conhecer as histórias ouvidas e suas preferências não era surpresa, pois ainda hoje as crianças pedem que se contem as histórias da literatura infantil tradicional que, segundo Faria (2004), são aquelas que tocam na natureza humana e na nossa história, que expõem um ser humano como ser de cultura, que adquirem dimensões imaginárias e simbólicas (contos de fadas, mitos, lendas...). A resposta foi unânime: todas citaram os contos de fadas, seguidos pelas lendas folclóricas do repertório local – os “causos”.

Por outro lado, um dado foi surpreendente, mesmo em comunidades pequenas, como no caso das cinco cidades visitadas, e que são distantes dos centros urbanos: as respostas nos mostraram que os sujeitos na faixa etária inferior a 20 e 25 anos, em sua maioria, ouviram as histórias que foram contadas por seus professores. A escola passou a ser o local de acesso às

histórias; mesmo as narrativas cotidianas familiares não foram citadas pelo grupo, fato que nos chamou a atenção para a importância da escola e dos educadores na inserção das crianças no mundo da fantasia e do faz-de-conta.

Na sociedade atual, na qual as crianças permanecem cada vez mais tempo em instituições educacionais, a literatura infantil ganha um espaço cujos educadores precisam conhecê-la em seus aspectos históricos culturais, na adequação das obras oferecidas e lidas para as crianças, no aproveitamento do espaço da leitura como de alfabetização das imagens e das palavras.

Fato merecedor de nossa atenção é que a maior parte das crianças brasileiras tem na escola o contato inicial com os livros, sendo a literatura infantil o convite para o gosto da leitura. Para muitas crianças, essa oportunidade é única. Assim, promover ações para que o professor usufrua o encanto mágico das histórias e contos é fundamental. Para tanto, é preciso que ele goste de ler, conheça a importância da leitura, saiba como trabalhar e não fazer como temos visto – a literatura infanto-juvenil tem se tornado um recurso artificial e desprazeroso de leitura, que se torna uma “obrigação”, na qual os alunos, mesmo os mais jovens, lêem textos escolhidos pelos adultos, não pelo prazer de ler e conhecer o mundo em diversos tempos e lugares, mas como um distante fichamento a ser avaliado em prova, que não nos mostra que sentimentos a leitura proporcionou, mas o que o autor quis dizer, o que muitas vezes seria necessário entrevistá-la para que realmente soubéssemos.

KOBAYSHI, Maria do Carmo Monteiro. Era uma vez...formando contadores de história. *Mimesis*, Bauru, v. 27, n. 2, p. , 2006.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, V. T. *Era uma vez... na escola*. Formando educadores para formar leitores. Belo Horizonte: Formato, 2001.
- BETTHELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- CASHDDAN, S. *Os sete pecados capitais nos contos de fadas*. Como os contos de fadas influenciam nossas vidas. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- COELHO, B. *Contar histórias - uma arte sem idade*. São Paulo: Ática, 2002.
- COELHO, N, N. *Literatura infantil*. Teoria, análise e didática. SP: Moderna, 2000.
- FARIA, M. A. *Como usar a literatura infantil na sala de aula*.

SP: Contexto, 2004.

PIAGET, J. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. Rio de Janeiro, 1975.

PIAGET, J. INHELDER, B. *A psicologia da criança*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1994.

VYGOTSKY, L. S. *La imaginación y el arte en la infancia*. Madrid: Ediciones Akal, 2003.